

CRENÇAS DE AUTOEFICÁCIA E INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Kátia R. X. Da Silva
Colégio Pedro II/FCM-UERJ
katiarxsilva@globocom

Leandro T. De Brito
Colégio Pedro II/PROPED-UERJ
teofilo.leandro@gmailcom

Marcio N. De Sá
Colégio Pedro II
marciorican@gmailcom

Bruno R. Soares
Colégio Pedro II
rafa_edf@yahoocombr

Priscilla C. S. Oliveira
Colégio Pedro II
prisChris3@yahoocombr

Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar a dialética inclusão/exclusão (SAWAIA, 2011) em aulas de Educação Física com base nos resultados da aplicação de um instrumento de autoavaliação fundamentado nas teorias sobre autoeficácia (BANDURA, 1997, 2008; ABBAD & MENESES, 2008). É um estudo qualitativo, descritivo, exploratório (GIL, 2002), realizado no contexto de aulas de Educação Física em uma escola de Educação Básica localizada no Rio de Janeiro, com 145 alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental e Médio. Os resultados apontam para a necessidade de investir em práticas pedagógicas que promovam experiências através das quais os alunos sejam capazes de compreender que as diferenças são uma condição da existência humana. A autoeficácia está relacionada com a dialética inclusão/exclusão e com atitudes que promovem crenças positivas entre os alunos na sua busca pelo sucesso pessoal. Defendemos que as aulas de Educação Física devem ser baseadas no princípio da inclusão e promover a participação de todos no sentido de autorrealização.



Palavras-chave: Educação Física, autoavaliação, crenças de autoeficácia

Abstract

This study aims to analyze the dialectical inclusion / exclusion (SAWAIA, 2011) in physical education classes, based on the results of the application of a tool for self-assessment built based on the theories of self-efficacy (BANDURA, 1997, 2008; ABBAD & MENESES, 2008). It is a qualitative, descriptive, exploratory study (GIL, 2002), conducted in the context of physical education classes in a school of Basic Education located in Rio de Janeiro, with 145 students in the second segment of the Elementary and Secondary Education. The results point to the need to invest in pedagogical practices that promote experiences through which students are able to understand that the differences are a condition of human existence. Self-efficacy relates to the dialectical inclusion/exclusion and with attitudes that promote positive beliefs among students in their quest for personal success. We advocate that the principle of inclusion should guide the physical education classes and promote the participation of all in the sense of self-realization.

Introdução

Em recente trabalho sobre alguns sentidos atribuídos à inclusão em educação no espaço da disciplina Educação Física, Silva *et. al* (2014) constataram que o bom desempenho e a capacidade de trabalhar em equipe são dois dos critérios utilizados pelos estudantes para incluir os colegas em suas equipes esportivas. Por outro lado, os que não possuem espírito de equipe ou aqueles que têm alguma deficiência podem, na visão dos estudantes, atrapalhar o bom desempenho do jogo e, por esse motivo, devem ser excluídos. Em relação à deficiência, um argumento adicional para justificar e exclusão diz respeito à tentativa de proteger o estudante deficiente dos riscos presentes nos jogos.

O referido trabalho também analisou as sugestões dos estudantes para tornar as aulas de Educação Física um espaço de promoção da inclusão. No cerne das sugestões apresentadas destaca-se o professor como o principal agente mediador, seja intervindo na organização dos grupos/equipes (times mistos/separar meninos e meninas/equilibrando os times por nível de desempenho), no planejamento de

atividades que privilegiem a cooperação e as atividades em grupos, seja *treinando* os (as) alunos (as) menos providos (as) de talento, tendo paciência com os (as) menos habilidosos, conversando com alunos (as) que excluem, pedindo sugestões à turma sobre quais atividades realizar e, finalmente, não obrigando os (as) estudantes a realizarem atividades que não gostam. Os resultados apresentados por Silva *et. al.* (2014) ilustram a contraditoriedade dos processos de exclusão/inclusão nas aulas de Educação Física. O discurso de proteção do sujeito para justificar sua exclusão constitui, nesse caso, o álibi da inclusão perversa, que “gesta subjetividades específicas que vão desde o sentir-se incluído até o sentir-se discriminado ou revoltado” (SAWAIA, 2011, p.9). Sendo assim, as interações realizadas nas aulas de Educação Física, os conteúdos desenvolvidos e as metodologias de ensino colaboram para a construção de subjetividades e sentimentos sobre quem pode/deve participar das aulas, legitimando assim o protótipo do *bom aluno*, no contexto desta disciplina.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) os conteúdos escolares podem ser classificados em três dimensões: conceitual (fatos, conceitos e princípios), procedimental (ligados ao fazer) e atitudinal (normas, valores e atitudes). Contudo, na disciplina Educação Física, observa-se uma ênfase nos conteúdos procedimentais em detrimento das outras duas categorias de conteúdos. Segundo Figueira, Paixão & Tucher (2011) no Ensino Fundamental e Médio, “o conteúdo mais desenvolvido pelos professores nas aulas de Educação Física escolar relaciona-se aos esportes tradicionais, sendo estes transmitidos de maneira procedimental e com pouca sistematização” (p.62). Darido *et. al.* (2007) ressaltam, por sua vez, a necessidade de considerar, além da dimensão procedimental, as dimensões conceituais e atitudinais no desenvolvimento dos conteúdos nas aulas de Educação Física. Para os PCN's, os conteúdos atitudinais “apresentam-se como objetos de ensino e aprendizagem, e apontam para a necessidade de o aluno vivenciá-los de modo concreto no cotidiano



escolar, buscando minimizar a construção de valores e atitudes por meio do currículo oculto (BRASIL, 1998, p.19).

As crenças de autoeficácia, definidas por Pajares & Orlaz (2008) como as “percepções que os indivíduos têm sobre suas próprias capacidades” (p.101) constituem, portanto, conteúdos atitudinais a ser desenvolvidos nas aulas de Educação Física. Neste sentido, ter conhecimento do que se sabe e do que é possível fazer a partir desse saber é um elemento central no processo motivacional, na construção de expectativas de sucesso e na busca pela autorrealização (idem). As crenças que se tem sobre as próprias capacidades interferem na motivação do sujeito e no esforço dedicado à realização das atividades, bem como na capacidade de persistir frente aos obstáculos. Contudo, os indivíduos não desenvolvem crenças de autoeficácia de maneira isolada. Tendo em vista o caráter coletivo das relações sociais, “a autoeficácia é um constructo pessoal e social” (PAJARES & ORLAZ, 2008, p.103).

Segundo Pajares & Orlaz (2008), as crenças de autoeficácia são construídas com base na interpretação de quatro fontes de informação: a *experiência de domínio*, isto é, a interpretação, pelos próprios sujeitos, dos resultados das ações desempenhadas por eles; a *experiência vicária*, ou a percepção de que se pode realizar determinada ação, com base na observação de outra pessoa realizando a mesma ação; as *persuasões sociais* (positivas ou negativas), ou seja, as avaliações externas ou os julgamentos verbais dirigidos às atividades desempenhadas pelos sujeitos e seus resultados e, finalmente, os *estados somáticos e emocionais*, dentre os quais, “a ansiedade, o estresse, a excitação e os estados de humor” (p.105). Sendo assim, “independentemente dos fatores que operam para influenciar o comportamento, eles estão enraizados na crença básica de que se tem a capacidade necessária para executar esse comportamento” (p.106). A percepção do grau de dificuldade de determinada tarefa também pode influenciar na crença na capacidade de realizá-la. A leitura equivocada do grau de dificuldade da tarefa pode gerar excesso de confiança ou sentimento de incapacidade. Segundo Bandura

(2008), a percepção de eficácia afeta não só o comportamento, mas também “objetivos e aspirações, expectativas de resultados, tendências afetivas e a percepção de impedimentos e oportunidades no ambiente social (p.114).

O presente trabalho tem como objetivo problematizar a dialética inclusão/exclusão nas aulas de Educação Física, à luz dos resultados provenientes da aplicação de um instrumento de autoavaliação, elaborado sob o referencial sobre autoeficácia, pautando-se na seguinte questão: de que maneira a autopercepção sobre o desempenho nas aulas de Educação Física se relaciona à problemática da dialética inclusão/exclusão?

Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como qualitativo e descritivo, de caráter exploratório (GIL, 2002). O instrumento utilizado foi uma Escala de autoeficácia para Educação Física (EAEF) construída a partir da modificação e adaptação da Escala de Autoeficácia (EAE) desenvolvida por Meneses & Abbad (2012) e com vistas a atender finalidades didático-pedagógicas. Sua aplicação se deu no segundo trimestre letivo do corrente ano, no contexto avaliativo da disciplina Educação Física, numa escola de Educação Básica situada no Rio de Janeiro. O foco do segundo trimestre foi a Unidade Didática (UD) intitulada *Os megaeventos esportivos e as relações sociais*. Essa UD compõe um dos assuntos abordados pelo tema gerador *Educação Física: sentidos e significados* definido como eixo norteador do planejamento pedagógico do ano de 2014, pela equipe de professores de Educação Física do Campus e que teve como objeto central as reflexões sobre as diferentes possibilidades e contribuições desta disciplina para a formação do cidadão, no contexto das relações entre os sujeitos e a sociedade. Deste modo, foram definidos três objetivos específicos: (1) posicionar-se de forma crítica sobre a relação mídia e esporte-espetáculo em nossa sociedade; (2) participar efetivamente das aulas e das vivências e atividades que trabalhem competição e

cooperação de forma integrada e (3) valorizar a cooperação em práticas corporais relacionadas à competição durante as aulas. Para atingir os objetivos propostos, a equipe de professores de Educação Física fez uso de atividades relacionadas a esportes, danças, ginásticas e lutas.

O instrumento em análise foi respondido por 145 estudantes de 8º e 9º do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio. Na primeira parte do instrumento de autoavaliação, objeto deste trabalho, os estudantes deveriam assinalar seus posicionamentos em relação aos itens propostos; na segunda parte, deveriam atribuir uma nota de 0 a 3 pontos para o próprio desempenho e apresentar um texto dissertativo-argumentativo justificando a nota atribuída. Os estudantes foram informados, pelo professor, que o que estava em questão não era a nota, em si, mas a reflexão coerente e crítica sobre o próprio desempenho e a sinceridade e honestidade das respostas. Neste sentido, foi-lhes assegurado que a nota atribuída não seria alterada pelo professor, de forma a garantir-lhes o respeito aos seus posicionamentos em relação à autoavaliação realizada.

A EAEF foi composta de 20 itens. Desses, 5 se referem a fatores de autoeficácia para itens desfavoráveis e 15 para itens favoráveis. Os alunos deveriam manifestar a sua avaliação sobre o próprio desempenho nas aulas de Educação Física considerando uma escala de 1 (concordo totalmente) a 3 (discordo totalmente). O grau 2 representava a posição “não sei avaliar/indefinição”. O Quadro 1 apresenta os itens da EAEF e sua classificação, conforme o tipo (favorável/desfavorável).

Quadro 1: Escala de autoavaliação em Educação Física

Tipo	Item	
Favoráveis	01	Valorizo a cooperação nas práticas corporais relacionadas à competição durante as aulas.
	02	Reconheço maneiras eficazes de crescimento pessoal e coletivo na convivência com meus colegas e nas práticas pacíficas.
	03	Reconheço maneiras eficazes de crescimento pessoal e coletivo através do diálogo e da reflexão com meus colegas de classe.
	04	Adoto uma postura democrática sobre os diferentes pontos de vista propostos em debates e atividades realizadas nas aulas.
	05	Participo das aulas de forma crítica.

Tipo	Item
	06 Vivencio as atividades motoras, de forma plena.
	07 Percebo a competição e cooperação de forma integrada.
	08 Sou capaz de realizar com sucesso as atividades motoras realizadas nas aulas de Educação Física.
	09 Confio nas minhas habilidades motoras.
	10 Quando decido participar de um jogo ou esporte, gosto de me envolver plenamente
	11 Lido bem com a diversidade de aptidões físicas existentes no meu grupo/equipe.
	12 Sinto-me capaz de lidar bem com a maioria das situações adversas que aparecem nas atividades realizadas durante as aulas.
	13 Encaro as dificuldades como um desafio.
	19 Posso dizer que nas aulas de Educação Física tive mais sucessos que fracassos.
	20 Recupero-me rapidamente depois de um fracasso.
Desfavoráveis	14 Eu desisto facilmente daquilo que me proponho a fazer.
	15 Se algo me parece muito complicado, eu nem tento realizá-lo.
	16 Sinto-me inseguro diante de situações novas.
	17 Deixo-me abater diante de fracassos
	18 Sinto-me incapaz de realizar uma nova atividade sem ajuda de instruções.

Fonte: MENESES, Pedro P. & ABBAD, Gardênia da S. Medidas de insumo: autoeficácia. In: ABBAD, Gardênia da S. Et. Al. Medidas de avaliação em treinamento, desenvolvimento e educação. Porto Alegre: Artmed, 2012, p.190-197.

Os dados foram analisados a partir da observação do nível médio de avaliação (MA) das respostas dos estudantes em relação aos itens propostos. As assertivas com MA maior que 2,5 expressam alto grau de concordância, enquanto que as assertivas com MA menor que 1,5 expressam baixo grau de concordância. As assertivas com MA entre 1,5 e 2,5 expressam indefinição dos estudantes em relação a autoavaliação da assertiva proposta. A avaliação dos itens desfavoráveis foi feita de maneira invertida.

Análise dos resultados

Os resultados gerais, provenientes do instrumento de autoavaliação, mostram que a MA para os itens favoráveis foi de 2,52 e a MA para os itens desfavoráveis foi 1,32, indicando que as aulas de Educação Física, embora ainda apresentem componentes que historicamente coadunem com questões relacionadas à exclusão, abrem caminhos para mudanças que começam a ser visualizadas pelos (as) estudantes

nas aulas, a partir de novos paradigmas que estão sendo construídos. Discutiremos de forma específica estes itens. Dos 15 itens favoráveis, 8 apresentaram alto grau de concordância ($> 2,5$), a saber: 1, 2, 4, 6, 8, 10, 13 e 20. Desses, os que atingiram a maior MA colocam em destaque as formas de lidar com o fracasso (20) e a apropriação da cooperação nas atividades que dizem respeito à competição (1). Reconhecemos, a partir destas respostas, que as aulas de Educação Física passam a ter um outro viés para os (as) estudantes que responderam a esse instrumento, no qual a exacerbação da competição tem cada vez mais sido deixada de lado. Este é um dado que nos remete a refletir como preceitos relacionados à inclusão começam a ser, de fato, apropriados nas aulas. Silva (2006) afirma que o princípio da inclusão nas aulas de Educação Física, originário dos PCN's, se volta para duas proposições: o direito de todos à prática da atividade física e a igualdade de oportunidades, respeitando-se às diferenças. Nos demais itens favoráveis que apresentaram alto grau de concordância (2, 4, 6, 8, 10, 13) levantou-se questões como a vivência de atividades motoras de forma plena, o enfrentamento de desafios nas aulas, práticas democráticas e a convivência com os colegas. A MA nestes itens denota que o espaço das aulas de Educação Física, a partir de práticas mais inclusivas, que permitam o diálogo com o outro, assim como um olhar sobre as diferenças e sobre a diversidade, passa a ser um espaço inclusivo reconhecido pelos próprios estudantes em suas respostas.

No outro extremo dos itens favoráveis, destacamos que os resultados referentes às assertivas 3, 5, 7, 9, 11, 12 e 19 expressam indefinição dos estudantes em relação a autoavaliação ($MA >1,5$ e $<2,5$), carecendo de maior problematização nas aulas de Educação Física. Esses itens abordaram o diálogo, a reflexão, a vivência de situações adversas nas aulas; as relações sucesso/fracasso, competição/cooperação e as diferenças nas habilidades motoras. Dentre os itens que apresentaram maior índice de indefinição destaca-se aqueles que trataram da criticidade nas aulas (5) e da confiança em relação à execução de habilidades motoras (9). Na discussão dos itens desfavoráveis, aquele que

apresentou maior índice de discordância esteve relacionado ao fato do (da) estudante se sentir incapaz de realizar uma nova atividade sem ajuda de instruções, ou seja, a figura do (da) professor (a) como agente mediador (a) ou mesmo como aquele (a) que “ensina algo” foi valorizada nas concepções dos (das) estudantes. Ainda na discussão dos itens desfavoráveis, as opções “Se algo me parece muito complicado eu nem tento realizá-lo” e “Eu desisto facilmente daquilo que me proponho a fazer” apresentaram índices baixos, o que representou algo positivo ao nosso olhar.

No contexto geral, esses resultados apontam para a necessidade de investir em práticas pedagógicas que promovam *experiências de domínio* e *experiências vicárias* através das quais os estudantes sejam capazes de compreender que as diferenças são uma condição da existência humana. Neste sentido, os acertos/erros, os sucessos/fracassos são ponderáveis e passíveis de análise aprofundada e crítica, face os objetivos traçados pela coletividade. Cabe ao professor de Educação Física, reconhecido como figura de autoridade, refletir sobre que tipo de *persuasão social* está exercendo face aos resultados apresentados pelos estudantes e como essas formas de persuasão estão repercutindo nos *estados somáticos e emocionais*, no contexto das aulas.

Conclusão

Através deste estudo, percebemos que princípios relacionados à diversidade e às diferenças, que venham ao encontro de uma Educação Física Inclusiva começam a ser reconhecidos pelos estudantes em suas concepções, caminhando para a superação de paradigmas enraizados, como a busca pela aptidão física e pelo desenvolvimento de habilidades motoras nas aulas. A autoeficácia, nesta relação com a dialética inclusão/exclusão, está relacionada à abordagem de conteúdos atitudinais, promovendo assim crenças positivas entre alunos (as) na busca de seu sucesso pessoal. Defendemos, deste modo, uma Educação Física baseada nos princípios da Inclusão, onde práticas que se voltem para a vivência de elementos da cultura corporal, nas dimensões conceituais,

procedimentais e atitudinais, possam ser incorporadas cotidianamente nas aulas, promovendo assim, além da busca por participação plena dos (das) estudantes a sua autorrealização.

Referências

- BANDURA, Albert. **O exercício da agência humana pela eficácia coletiva**. In: BANDURA, Albert; AZZI, Roberta G; POLYDORO, Soely (Org.). **Teoria social cognitiva: conceitos básicos**. Porto Alegre: Artmed: 2008, p.115-122.
- BANDURA, Albert. **Self-efficacy: the exercise of control**. New York: Freeman, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- DARIDO, Suraya Cristina et. al. **Educação Física no ensino fundamental e médio: a sistematização dos conteúdos na perspectiva de docentes universitários**. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte* – 2007, 6(1) 89-109.
- FIGUEIRA, Isar Silva Souza; FARIA, João Paulo de Oliveira; PAIXÃO, Jairo Antônio da & TUCHER, Guilherme. **Conteúdos no ensino da Educação Física escolar sob o ponto de vista de discentes do terceiro ano do ensino médio**. *Revista científica da Faminas* – v. 7, n. 2, maio-ago. de 2011, p.55-63.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- MENESES, Pedro P. & ABBAD, Gardênia da S. Medidas de insumo: autoeficácia. In: ABBAD, Gardênia da S. Et. Al. **Medidas de avaliação em treinamento, desenvolvimento e educação**. Porto Alegre: Artmed, 2012, p.190-197.
- PAJARES, Frank & OLAZ, Fabián. Teoria social cognitiva e auto-eficácia: uma visão geral. In: BANDURA, Albert; AZZI, Roberta G; POLYDORO, Soely (Org.). **Teoria social cognitiva: conceitos básicos**. Porto Alegre: Artmed: 2008, p.97-114.
- SAWAIA, Bader. (Org). **As Artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 11ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- SILVA, Ana Patrícia. O professor de Educação Física como agente do processo inclusivo. In: SANTOS, Mônica Pereira dos; PAULINO, Marcos Moreira. (Org.). **Inclusão em Educação: culturas, políticas e práticas**. São Paulo: Cortez, 2006, p. 69-81.
- SILVA, Kátia R. X. da; BRITO Leandro T. de; SÁ, Marcio N. de; SOARES, Bruno R. & OLIVEIRA, Priscilla C. S. **Refletindo sobre alguns sentidos atribuídos à inclusão em educação no espaço da disciplina Educação Física**. *Anais do I Seminário Internacional de Inclusão Escolar: práticas em diálogo*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 21 a 23 de outubro de 2014.